



# *A Identidade Lusófona e o Destino Épico da Lusofonia em O beijo da palavrinha de Mia Couto*

**Paulo Figueira**

Secretaria Regional de Educação

CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias

[pcvfigueira@gmail.com](mailto:pcvfigueira@gmail.com)

## **RESUMO**

*A literatura para a infância, como veículo privilegiado para dar corpo aos vasos comunicantes de uma união fraterna, não poderia deixar de enveredar pelo caminho da sedimentação dos valores que levaram a esse extenso diálogo com cerca de 500 anos, o mar, a língua, o sentir lusófono. Assim, O beijo da palavrinha de Mia Couto preenche os requisitos épicos e, sobretudo, pedagógicos para uma caminhada firme, alicerçada no azul que une o mosaico lusófono nos cinco continentes.*

Palavras-chave: **Identidade Lusófona; Literatura Infantil; Épica; Mia Couto.**

## **ABSTRACT**

*Children's literature, as a privileged vehicle giving body to the communicating vessels of a fraternal union, could not fail to embark on the path of the sedimentation of values that have led to that extensive, c. 500 year's old, dialogue between the sea, language and Lusophone feeling. Thus, Mia Couto's O beijo da palavrinha fulfils the epic requirements and, above all, pedagogic ones for a steady walk rooted in the extensive blue that unites the Lusophone mosaic in the five continents.*

Keywords: **Lusophone Identity; Children's Literature; Epic; Mia Couto.**

*E a orla branca foi de ilha em continente,  
 Clareou, correndo, até ao fim do mundo,  
 E viu-se a terra inteira, de repente,  
 Surgir, redonda, do azul profundo.*

Fernando Pessoa, “O Infante”, *Mensagem*

A(s) leitura(s) d’*O beijo da palavrinha* de Mia Couto apresenta(m) a interpretação da lusofonia na construção de um Moçambique pós-guerra (colonial e civil). No período da pós-independência e passagem da guerra civil, surgirá uma literatura edificadora da identidade nacional moçambicana, indelevelmente, cúmplice de uma lusofonia pretendida sólida e estruturada em pontes comuns do sentir histórico, linguístico e cultural, porque África é um “continente [que] é o resultado de diversidades e de mestiçagens” (Couto, 2005: 60). A geração de Mia Couto, nascida do pós-guerra colonial e vivente da guerra civil, presta-se a crescer num país dilacerado por atrocidades e sedento de uma união entre a manta de retalhos que foi deixada às novas gerações. A proposta de ensinamento é, fundamentalmente, dar rosto a um país que caminha para a existência, em que se torna imperioso um processo de identificação através das “ignorâncias”, as “minudências”, que dão forma ao mosaico moçambicano. É nesse ponto nevrálgico e, simultaneamente, privilegiado, que a lusofonia cumpre o seu papel, umbilicalmente implícita na génese moçambicana e uma diretriz, desde as vozes edificadoras da Literatura Moçambicana. Mia Couto refere-se a um desses pais, José Craveirinha, como o poeta que “escreve Moçambique através da língua portuguesa” e que “convidou o rongá [língua africana] e o português a um namoro fecundo” (Angius, 1998: 105), numa perspetiva de identidade mestiça. A desconstrução cotidiana elabora-se no rosto de um Moçambique que se identifica na irónica unicidade plural da lusofonia. Moçambique, pela sua localização geográfica e diversidade etnocultural, poderá ser comparado a um delta de realidades humanas: a africana, a europeia, a indiana e a chinesa (graças às migrações dentro do antigo espaço do Império Português). Dentro destas realidades humanas, há a acrescentar que Moçambique se situa na esfera de influência anglófona e que durante largos anos sofreu uma influência assinalável da África do Sul, potência económica e política do continente africano.



Para Couto, os escritores moçambicanos têm um compromisso de ordem ética:

pensar este Moçambique e sonhar um outro Moçambique. [...] Estamos aguardando pelo renovar de um estado de paixão que já experimentámos, esperamos pelo reacender do amor entre a escrita e a nação enquanto casa feita para sonhar (Couto, 2005: 63).

Neste estado, Mía Couto encontra-se na encruzilhada temporal de sonhar um outro ou outros a partir do que existe, tem a implícita tarefa de exorcizar o isolamento moçambicano a partir das ferramentas que o passado lhe facultou e remendar o presente para que cresça um futuro, descritos por uma ligação profunda e umbilical com o mundo lusófono. É neste contexto que formulamos a problemática n' *O beijo da palavrinha* (2008), que transmite, metaforicamente, ao leitor a visão de um Moçambique sonhado por uma janela que se expressa no infinito do mar e nos vasos comunicantes que lhe foram facultados por uma língua franca de união aos quatro cantos do mundo. Assim, traça-se o destino épico da Lusofonia, a partir do abraço fraterno que se iniciou há cerca de 500 anos, através dos “azuis” dos oceanos galgados pelas embarcações lusas. Construídas as margens da compreensão e de identificação entre geografias diferentes, aos homens resta-lhes a edificação de uma identidade, simultaneamente, filha das suas confluências e identidade(s) próprias da natureza humana:

Se os homens se podem “compreende” mutuamente através do tempo, da história e da distância das civilizações, se os mitos, as literaturas e, inclusivamente, os poemas podem ser universalmente traduzidos, é porque toda a espécie homo sapiens possui um património inalienável e fraterno que constitui o império do imaginário (Durand, 1969: 69).

### ***RESUMO D'O BEIJO DA PALAVRINHA***

O enredo d' *O beijo da palavrinha* passa-se numa aldeia pobre do interior moçambicano, onde vivia a família de Maria Poeirinha e Zeca Zonzo. Este é

caraterizado como desprovido de juízo e aquela como uma menina que sonhava que se convertia em rio, sendo uma princesa que arrastava um manto feito de remoinhos, remendos e retalhos. Sonho que se desfazia quando os seus pés descalços escaldavam na areia quente. (Couto, 2008: 8). A certa altura, é introduzido um elemento estranho àquela comunidade, um familiar vindo de longe, o tio Jaime Litorânio (Couto, 2008: 10), que vem falar-lhes do mar, do facto de este lhe ter dado o infinito e que, para o enfrentar, a alma teria de se dar toda inteira. Quando Maria Poeirinha se torna “vizinha da morte”, por estar extremamente doente, o tio Jaime Litorânio sugere, perentoriamente, que a menina deve ser levada até à costa onde se curaria e renasceria naquelas praias de areia e ondas e revelaria outras praias dentro dela (Couto, 2008: 12). No entanto, o estado grave de Poeirinha não permitiria que a menina fosse levada de barco até ao litoral. Perante o impasse, Zeca Zonzo contorna a situação com uma proposta original, porque queria mostrar o mar à irmã (Couto, 2008: 14). Numa folha de papel, Zeca Zonzo escreve a palavra “mar” e pede que Maria Poeirinha sinta as letras com o dedo. A irmã começou o exercício com a ajuda de Zonzo. A letra “m” levou-a às ondas do mar, a “a” levou-a à ave, à gaivota, e a “r” levou-a à rocha, que agreste beija e é beijada pelo mar. Ao fim deste (des)conhecimento, Maria Poeirinha se converte em gaivota e parte como a princesa de manto feito de remoinhos, remendos e retalhos. Segundo Zeca Zonzo, ainda é uma recordação o facto de Maria Poeirinha ter sido beijada pelo mar e ter-se afogado numa palavra (Couto, 2008: 28).

### *LINHAS DE LEITURA*

O conto rege-se por diversas linhas de leitura: as personagens, a metáfora do próprio Moçambique, a ligação ao mar e à Lusofonia e, em nosso entender, o carácter épico da sua mensagem, numa comparação entre Jaime Litorânio e a figura do Velho do Restelo de *Os Lusíadas*. Dentro destas perspetivas, torna-se imperioso explorar os caminhos que levam o (pequeno) leitor ao imenso mundo lusófono, na leitura épica de uma aventura iniciada há mais de 500 anos, quando da ocidental praia lusitana os barcos conquistaram os mares em busca de outros mundos, edificando uma (in)dependência fraterna entre os diversos continentes. Numa aproximação às personagens falantes, temos três intervenientes fulcrais para o desenrolar da narrativa: Maria Poeirinha, Jaime Litorânio e Zeca Zonzo.



Maria Poeirinha era uma menina que nunca vira o mar, mas que sonhava com ele, sonhava em converter-se em água e ser a princesa de um livro em que arrastava um manto feito de remoinhos, remendos e retalhos. Havia, porém, o conseqüente desfasamento do sonho na realidade, quando os seus pés descalços escaldavam na areia quente. No fim, o mar que cura Maria Poeirinha é a renovação de que carecia Moçambique: são as águas que lavam os resquícios da realidade sangrenta vigente durante as guerras fratricidas. São ondas de esperança. Poeirinha precisava curar-se de toda aquela aridez, daquela ausência de infinito, daqueles sonhos pequenos que tinham adoecido o seu corpo. O tio Jaime Litorâneo, o elemento alquimista, que um dia chegou à aldeia para confirmar que o mar seria o caminho para o infinito e que, apesar da pobreza do outro lado do mar, na linha do horizonte, havia uma luz que fazia a espera valer a pena. Jaime revela que para enfrentar o mar é preciso fazê-lo com “a nossa alma toda inteira”. O tio traz a sabedoria do mar. Zeca Zonzo era a personagem desprovida de juízo que na sua evolução, ao longo da narrativa, introduz a concretização da descoberta do mar pelo elemento doente, a terra. Zonzo é o transculturador que guia o caminho para que a oralidade e a escrita se entrecruzem num percurso de redenção. Maria Poeirinha simboliza a identidade cindida de Moçambique entre o mar e o pó, identidade dilacerada, alegoria de Moçambique, ferida e massacrada pelas constantes guerras fratricidas (quer a da independência, na perspectiva em que Portugal se constituiu um país irmão, quer na guerra civil entre os apoiantes de FRELIMO e da RENAMO, terminada em 1992), cujos sonhos se esbatiam, irremediavelmente, na areia que lhe escaldava os pés e, de repente, se esfumava a figura da princesa que arrastava esse manto de remendos. Ora, o manto de remendos é uma outra metáfora de Moçambique, um mosaico, que deverá ter a união como veículo catalisador de uma identidade pátria. Sendo essência das histórias uma realidade ficcional, umbilicalmente dependente de um espelho com a realidade factual, Jaime Litorâneo transporta, em si, a novidade e a certeza da direção a ser tomada, isto antes de um dia Maria Poeirinha se tornar vizinha da morte e necessitar da regeneração que a levasse ao encontro da janela marítima, um meio para atingir o horizonte, o mar e o céu, e perder o medo que, na caminhada, a areia ardente queimasse o sonho. A descrição metafórica de Moçambique não deixa de ser, em simultâneo, uma descrição da pátria lusa que quando se aventurou nas Descobertas vinha de uma guerra pela independência contra Castela igualmente

fratricida, visto haver importantes núcleos da sociedade portuguesa que apoiavam as fações castelhanas em detrimento do Mestre d’Avis. Ou seja, o Portugal de 500 foi uma pátria que se redescobriu na sua missão marítima de união de margens distantes, sob a intensidade da língua lusa.

### ***O BEIJO E OS LUSÍADAS: O IMPULSO ÉPICO DE JAIME LITORÂNIO VS. VELHO DO RESTELO***

A relação com *Os Lusíadas*, necessária ao entendimento do elemento mar, é uma leitura paralela a *O beijo da palavrinha*. A epopeia portuguesa, que descreve os heróis saídos da «ocidental praia lusitana» e que atingiram outras praias, canta o povo humilde que se formou no extremo sudoeste da Europa e que enveredou pela conquista do mar, num propósito civilizacional sob os desígnios da evangelização, primeiro, e pela descoberta do outro, posteriormente. *Os Lusíadas* transmitem, precisamente, o embrião da lusofonia, numa mescla de planos e universos, que o tornam um livro de uma linguagem “franca”, uma porta de aproximação às margens comunicantes do mundo. Vasco da Gama, o herói coletivo representante da pátria lusitana, conduz a armada portuguesa até à Índia, em que os encontros de paz e partilha são frequentes, sendo o grande sinal de diálogo o contar a História de Portugal, num significado de entrega e permuta de valores. A epopeia “finda” com uma mensagem de união entre o mundo luso, a “Ilha dos Amores” e a “Machina Mundi” camoniana. Em relação a *O beijo da palavrinha* e simplificada a história épica num conto (infantil), a heroína Maria Poeirinha assume o papel de Gama, numa antítese clara com a epopeia camoniana. *Os Lusíadas* são escritos num contexto em que a pátria se encontra “doente”. Não se trata de um poema épico escrito no esplendor civilizacional português, a exemplo d’*A Eneida* de Virgílio, escrita no período de pujança da Língua Latina e durante o império de ouro de Octávio César Augusto. Camões escreveu *Os Lusíadas* numa altura em que se adivinhava a perda da independência para a Espanha, tentando, através da celebração da glória de um passado edificante, reconstruir a excelência pátria, chamando o brio de D. Manuel I a D. Sebastião, o que por si só constitui um par antagónico em matéria histórico-política, uma vez que o segundo simboliza a perda de tudo o que foi alcançado pelo primeiro. Maria Poeirinha é a metáfora do Moçambique desfeito, lancetado por longos períodos de guerra, sem o passado



glorioso do bloco geográfico do Portugal Europeu, mas com a dimensão celeste da aventura que ligou Portugal aos quatro cantos do mundo, através do mar. A menina sonha com o mar, pois carrega no seu nome o infinito do mar, a promessa e o devir de uma superação infinita, imaginando ser uma princesa que busca esse elemento comum que se tornou a língua dos países lusos. O mar que trará a libertação da clausura da terra e redefinirá a reaproximação para a construção de um futuro comum nas asas de uma menina que se transforma em pássaro (Couto, 2008: 26). No texto de Camões e no de Mia Couto, há duas personagens que se revelam antagónicas e que, à sua maneira, impulsionam a grande aventura no mar: o Velho do Restelo e o tio Jaime Litorânio. Ambos são imbuídos de saber e experiência. O Velho é o contador de histórias terríficas sobre o mar, uma personagem que viu partir outras naus e que sabe que muitos marinheiros não voltaram e, por isso, culpa a ânsia de fama e glória. O tio Litorânio representa a identidade ancestral, é o incentivador do conhecimento do mar. Em relação ao Velho, Jaime revela um elemento científico, a ciência do mar, indicado ao leitor pela sonoridade e leitura do seu nome “Litorânio”, a alquimia da ciência, daí ele saber que para enfrentar o mar é preciso estar ciente que tem de ser com toda a alma (Couto, 2008: 10) e só assim poder caminhar a par de tal elemento. No discurso do Velho do Restelo e no texto referente à personagem, estâncias 94 a 104 d’*Os Lusíadas*, o antagonismo em relação ao mar é uma realidade visível e, sobretudo, audível ao leitor. A sonoridade das nasais, nomeadamente, o “m” é uma expressa conotação ao mar e à morte sustentada pelo Velho. A estância 94 começa com um sonoro “Mas”, uma conjunção designativa de oposição que introduz a presença de um velho “d’aspeito venerando” (Camões, 1989: 118), por entre a gente que estava na praia do Restelo a observar a despedida da frota de Vasco da Gama. No texto que reproduz a fala do Velho, são evidentes os nomes e os adjetivos conotados com as considerações depreciativas desta personagem acerca da grande aventura portuguesa. O caminho para a Índia, o ponto alto da expansão lusa pelos oceanos, faz com que o Velho recorde tudo o que já fora passado anteriormente, quando outras embarcações partiram para o reconhecimento da costa ocidental africana. Assim, por entre os nomes, adjetivos e expressões destacam-se “fraudulento”, “mortes”, “perigos”, “tormentas”, “crueldades”, “Dura inquietação”, “desamparos”, “adultérios”, “infames vitupérios”, “desastres”, “insano”, “pecado”, “desobediência”, “desterro”,

“triste ausência”, “bruta cruza e feridade”, “desprezo da vida”, “incerto e incógnito perigo” e “Mísera sorte”. Noutra plano, o Velho prediz que os portugueses vão buscar inimigos a outros lados, deixando crescer os que têm mesmo ao lado (Camões, 1989: 120), pensa que a “justa Lei” fará com que estas aventuras fiquem pelo esquecimento (Camões, 1989: 120) e amaldiçoa Prometeu, o filantropo (Camões, 1989: 120), o que alcançou o fogo para os homens.

No enalce do Velho, mas com um discurso contrário, Jaime Litorânio chegou à aldeia e “achou grave que os seus familiares nunca tivessem conhecido os azuis do mar” (Couto, 2008: 10), porque o mar lhe abra o infinito (Couto, 2008: 10) e finaliza o discurso sentenciando que “- Quem nunca viu o mar não sabe o que é chorar!” (Couto, 2008: 10). Na análise da chegada e intervenção do tio Jaime Litorânio, retém-se a euforia em relação ao mar, como caminho para a emancipação de um núcleo familiar, o que transposto para um universo maior, como o panorama nacional moçambicano, perscruta como a saída para a afirmação do país no campo internacional e com a força da comunidade lusófona. Da comparação e com a relatividade temporal de um distanciamento de 400 anos em relação aos discursos, resulta que a visão do medo defendida pelo Velho que finaliza em choro, tal como a de Jaime, são completamente antagónicas. O Velho defende um país arreigado no continente europeu, alicerçando-se e afunilado na periferia da Europa, ao passo que Jaime Litorânio perspectiva um país que precisa de chorar de uma forma diferente, que precisa de chorar euforicamente não pelas mortes dos que partem, mas pela comunidade sem fronteiras que a ligação marítimo-linguística lhe proporciona na construção da sua identidade. À distância temporal, o tio Jaime reverte o discurso do Velho do Restelo como um abraço global, que abarca desde o Atlântico ao Índico, numa redescoberta, igualmente, da Lusofonia e na interminável aventura das Descobertas iniciadas na praia do Restelo. A personagem Jaime Litorânio, na nossa ótica, realiza o propósito onírico da epopeia portuguesa (preferiremos chamar lusófona, por abarcar uma aventura de união de povos com a característica comum de serem falantes da língua de Luso e, também, pelo nome do seu autor designar o maior e mais prestigiado prémio literário de toda a Lusofonia, o Prémio Camões, criando vários Camões em diversas latitudes). Retomando *O beijo da palavrinha*, para a realização da Lusofonia, é imperativo que a personagem Maria Poeirinha parta para o litoral. Ao adoecer, surge essa possibilidade. É uma doença por falta do



mar, o elemento com que ela sempre sonhara. Diante da impossibilidade de Maria Poeirinha partir através de um barco, o texto envereda pela componente onírica e a opção pela transformação da personagem em pássaro, numa espécie final de “Ilha dos Amores”. A doença de Poeirinha, ao contrário do discurso do Velho do Restelo, não se prende com o ir para o mar mas com o ficar em terra. O mesmo caminho que a nação moçambicana necessita. Ao não poder deslocar-se, o mar terá de vir até Poeirinha. É expresso através de um pictograma (Couto, 2008: 16): “m” – “movimento das ondas”; “a” – “ave”; “r” – “rocha”. A folha em branco de Zeca Zonzo representa a planície que se estende até ao infinito e onde se desenha o mar. No nosso entender, a partida de Maria Poeirinha em direção ao mar (oceano Índico) simboliza o percurso inverso ao de Vasco da Gama. Poeirinha representa a humildade da aprendizagem em relação ao mar, a nação moçambicana representada por uma criança sonhadora, que percorre os caminhos contrários do pai (Portugal), que vai à procura de um futuro para contar, num balanço de um passado pobre feito em terra e um futuro advindo do infinito do mar. Vasco da Gama, por seu turno, era um alto representante coletivo do povo português e um dos mais distintos navegadores do século XV, a par de Colombo. Gama contou *in media res* os feitos da nação portuguesa. Poeirinha tem tudo ainda para edificar e contar, por isso, não há narração *in media res* na epopeia moçambicana. A descrição da cena da leitura da palavra «mar» é um ritual sagrado em que cada etapa consiste em fazer a menina decifrar os segredos da palavra, traduzindo o poder transfigurador da língua. Maria levanta voo na direção das ondas, deixando-se levar na busca de um renascimento, de uma vida alternativa no além. Maria Poeirinha alcança a liberdade espiritual. Porém, na senda de Bachelard, não deixa de ser a heroína coletiva do povo moçambicano que constrói e edifica o elemento puro da natureza, o mar em estado bruto, aquele cujos “azuis” oferecem o infinito da Lusofonia, um *puzzle* emergente de mosaicos e sensibilidades por limar e encaixar.

---

2 Tocando na edificação de um futuro longe das barreiras étnico-culturais, em *Terra sonâmbula*, o jovem Kindzu, ao relacionar-se com o indiano Surendra, é censurado pela própria família (Couto, 2000: 25), porque os indianos eram desvalorizados pela comunidade negra, sendo Kindzu um traidor, “um negro fugido das tradições africanas” (Couto, 2000: 29). No entanto, Surendra, na amizade com Kindzu, ultrapassará as barreiras étnicas porque, segundo ele, os moçambicanos eram irmãos do Índico, um espaço de mestiçagem cultural, como prova o enunciado: “- Somos de igual raça, Kindzu: somos índicos” (Couto, 2000: 26). Assim, Mía Couto reescreve a epopeia marítima portuguesa, através da Poética da Relação (Martins, 2006: 165).

### ALGUNS PONTOS DE “EDIFICAÇÃO”

*O beijo da palavrinha* é uma narrativa que direciona o pensar moçambicano para um pensamento “franco”, tal como a lusofonia se apresenta um espaço à escala mundial, cuja Língua, Cultura(s) e História(s), se consuma(m), cada vez mais, como instrumentos de aproximação de povos e mundos, por vezes, díspares e de essência antagónica. No seu propósito edificador, o texto coutiano proporciona o alicerce para o reunir de uma memória coletiva em busca de uma memória cultural e identidade plural por construir através de um passado comum entre indivíduos luso-falantes, fecundados pelos “azuis” do infinito. Uma cultura pacífica, de um intenso contacto, cuja ligação tem a substância do “novo”, advindo da ligação ultramarina com o mundo. Assim, Mia Couto cria a alegoria de um Moçambique em estado de bloqueio que precisa de se reinventar para se regenerar. O mar que Poeirinha pode tocar é o da regeneração, o da identidade mestiça. Ao se referir à construção da “memória coletiva” em Maurice Halbwachs, Jan Assmann (1997: 13-14) foca a importância da referência temporal e espacial, precisamente uma das vertentes a explorar em *O beijo da palavrinha*. O “eu” de Maria Poeirinha, do Zeca Zonzo e do tio Jaime Litorânio pode ser dividido em duas esferas: a da “identidade individual” e a da “identidade pessoal”. A primeira compreende a imagem que reúne todos os traços individuais que distinguem o “eu” dos “outros”. A segunda é a capacidade de entender e almejar uma integração social do indivíduo. Temos, assim, a constituição do indivíduo, que partirá para uma construção do coletivo. E é nesta estância que se constrói a memória e a identidade, segundo Assmann, as figuras da memória, i.e., as situações para a permanência dessa memória num elo entre espaço, tempo e coletivo:

Essa è dunque concreta non solo spazialmente e temporalmente, ma anche in relazione all'identità: cio significa che essa si riderisce esclusivamente alla

<sup>3</sup> Para Poeirinha, a morte seria a emancipação em relação à redutora condição em que vivia e, a partir desta viagem, sonharia uma mestiçagem de margens no Índico: “A morte não seria a última viagem. Seria a primeira viagem. Ela será, para alguns sonhadores profundos, a primeira viagem verdadeira” (Bachelard, 1998: 75).

<sup>4</sup> A este propósito, a produção literária de Mia Couto oferece-nos um paralelo com *O beijo da palavrinha*, num dos textos de *Contos do nascer da terra*, “A menina sem palavra” (segunda estória para a Rita). Neste texto, há uma menina que não “palavreava” (Couto, 1998: 85) e que “Quando lembrava



prospettiva di un gruppo reale e vivo. I concetti di spazio e di tempo della memoria collettiva si pongono in un rapporto vitale e denso di affetti e valori con le forme di comunicazione del gruppo corrispondente. (Assmann, 1997: 15).

Do exercício resultará uma tríade: poder / memória / esquecimento, em que os dois últimos dependem do primeiro, mas que, em simultâneo, são sustentáculos do poder, remetendo para a memória coletiva. Algo que se poderá verificar nas palavras de Jaime Litorânio, sobretudo no seu antagonista, o Velho do Restelo. Ambas as personagens se tornam responsáveis, à sua medida, pela memória e o esquecimento da Lusofonia e respetiva consolidação. Daí falar-se no destino épico da Lusofonia. Foi na epopeia que trilhou o seu itinerário pelo mundo e é na heroicidade dos seus falantes que permanece no leitor, igualmente um “eu” corresponsável pela “memória coletiva”, o trajeto de um novo percurso e a reconstrução de uma chave interpretativa: “Sa première réaction peut être de reconstituer la disposition générale par «cercle concentriques» en partant du point précis où évoluent les personnages” (Bourneuf e Ouellet, 1995: 102). E, assim, o espaço de Maria Poeirinha, transformado numa memória cultural coletiva, fica em aberto, à procura de uma identidade mestiça, imaginada e sonhada pelo abraço do mundo lusófono.

---

as palavras ela esquecia o pensamento. Quando construía o raciocínio perdia o idioma” (Couto, 1998: 87). Após beijar uma lágrima do pai, a menina pronunciou a palavra “mar”. Então, o pai resolveu levá-la à praia, onde a filha ficou imóvel perante o mar e corria o risco de por ele ser engolida. Como o pai não conseguiu retirá-la do local, resolveu contar-lhe uma história (Couto, 1998: 88). Chegado à parte do conto, narrado pelo pai, em que se abre a ferida da própria terra, o pai calou-se e a menina entrou pelo mar, passando a mão pela água, refazendo o mar numa superfície una, ao mesmo tempo que interpela o pai e diz que acabou a história que ele estava a contar (Couto, 1998: 89). No final, regressam a casa e extinguem-se “no quarto de onde nunca haviam saído” (Couto, 1998: 89). Em nosso entender, o mar, o Índico, tal como n’*O beijo da palavrinha*, é o local onde as distintas culturas que compõem o mosaico moçambicano e as margens do oceano podem e conseguem conviver, onde a hibridez é possível. O Índico é a “mãe” líquida que representa o que é ser moçambicano numa dinâmica de partilha de imaginários. A água é o recetáculo de onde surgem todos os seres e os elementos do mundo.

## **BIBLIOGRAFIA**

- Angius, Fernanda e Matteo, 1998, *O Desanoitecer da palavra*, Mindelo, Embaixada de Portugal/Centro Cultural Português.
- Assman, Jan, 1997, *La Memoria culturale* (trad. italiana de Francesco de Angelis), Turim, Biblioteca Einaudi.
- Bachelard, Gaston, 1998, *A Água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*, trad. brasileira de Antônio de Pádua Danesi, São Paulo, Martins Fontes.
- Bloom, Harold, 1991, *A Angústia da influência*, trad. portuguesa de Miguel Tamen, Lisboa, Cotovia.
- Bourneuf, Roland & Ouellet, Real, 1995, *L'Univers du roman*, 6ª edição, Paris, PUF.
- Calvino, Italo, 2009, *Porquê ler os clássicos?*, trad. de José Colaço Barreiros, Lisboa, Teorema.
- Camões, Luís, 1989, *Os Lusíadas*, 2ª edição, Prefácio de Álvaro Júlio da Costa Pimpão; Apresentação de Aníbal Pinto de Castro, Lisboa, Ministério da Educação/ Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Chabal, Patrick, 1994, *Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade*, Lisboa, Veja.
- Couto, Mia, 1998, *Contos do nascer da terra*, 2ª edição, Lisboa, Caminho.
- Couto, Mia, 2000, *Terra sonâmbula*, 6ª edição, Lisboa, Caminho.
- Couto, Mia, 2005, *Pensatempos*, Lisboa, Caminho.
- Couto, Mia, 2008, *O beijo da palavrinha*, Lisboa, Caminho.
- Durand, Gilbert, 1996, *Campos do imaginário*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Laban, Michel, 1998, *Moçambique: encontro com escritores*, 3 vols, Porto, Fundação Eng. António Almeida.
- Martins, Celina, 2006, *O Entrelaçar das vozes mestiças. Análise das Poéticas da Alteridade na ficção de Édouard Glissant e Mia Couto*, Estoril, Principia.
- Silva, Vítor Manuel Aguiar e, 2008, *Camões: labirintos e fascínios*, Lisboa, Cotovia.